UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
CURSO DE PSICOLOGIA

GIOVANA APARECIDA SANTOS DE PAULA

A ADOLESCENTE E A NOÇÃO DO EU PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Pouso Alegre - MG
2024

GIOVANA APARECIDA SANTOS DE PAULA

A ADOLESCENTE E A NOÇÃO DO EU PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentada ao curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências da Saúde "Dr. José Garcia Coutinho", da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para aprovação no curso de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Me. Antônio Ângelo Favaro Coppe

Pouso Alegre

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Paula, Giovana Aparecida Santos de.
A adolescente e a Noção do Eu pela Abordagem Centrada na Pessoa / Giovana Aparecida Santos de Paula
– Pouso Alegre: Univás, 2024.

20f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

Orientador: Prof. Me. Antônio Ângelo Favaro Coppe.

1. ACP. 2. Noção do eu. 3. Adolescência. 4. Feminino. 5. Interseccionalidade. I. Título.

CDD – 155.5

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa

CRB 6-3538

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

CURSO DE PSICOLOGIA

A ADOLESCENTE E A NOÇÃO DO EU PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Giovana Aparecida Santos de Paula

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia apresentado à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas, como exigência parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Documento assinado digitalmente
ANTONIO ANGELO FAVARO COPPE
Data: 29/11/2024 15:01:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Antônio Ângelo Favaro Coppe
Orientador

Prof.ª M.ª Eveline Raquel de Oliveira Moura
Examinadora

Documento assinado digitalmente
LUCAS NAVAROLI RIBEIRO SILVA
Data: 02/12/2024 13:49:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Lucas Navaroli Ribeiro Silva
Examinador

Aprovada em 06 de novembro de 2024.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **6**

2 A ADOLESCÊNCIA **8**

3 A INTERSECCIONALIDADE DO FEMININO **9**

4 NOÇÃO DO *EU* PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA **11**

5 A ADOLESCENTE, A INTERSECCIONALIDADE E OS REFLEXOS NA NOÇÃO DO *EU* **13**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **15**

REFERÊNCIAS **16**

A ADOLESCENTE E A NOÇÃO DO EU PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Giovana Aparecida Santos de Paula

Me. Antônio Ângelo Favaro Coppe

"As pessoas são tão belas quanto um pôr-do-sol quando as deixamos ser"
Carl Rogers

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar e refletir a respeito da formação da noção do *eu*, conceito teórico da Abordagem Centrada na Pessoa, que se refere ao modo com que o indivíduo se percebe, em suas características, atributos, qualidade e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o descrevem e que percebe como parte de sua identidade, na fase da adolescência, em especial nas mulheres, visto a carga cultural, bem como aspectos locais eespecíficos, usando também do conceito de interseccionalidade, que relaciona- se aos variados segmentos que podem influenciar um determinado grupo. O objetivo do trabalho é a de compreender e investigar como a noção do *eu* é formada na adolescência, focada no publico feminino. Compreende-se que a adolescência é um período de desenvolvimento que envolve intensas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, que variam de acordo com o contexto social,cultural e econômico que se desenvolve. Este trabalho se justifica na busca de elucidar como é realizado e influenciado o reconhecimento de si mesma pela adolescente, a partir do prisma da ACP. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa proposta por Carl Rogers, juntamente à conceituação da adolescência e à noção do feminino,entrepassadas na interseccionalidade. Os resultados deste trabalho indicam a importância de entender a reconstrução dos conceitos acerca da adolescência, para que englobem a diversidade das adolescências encontradas. Ademais,observou-se que a noção do eu, sofre influencias no cotidiano através dacultura, da economia, do social; ou seja; a interseccionalidade transpõe-se na construção e no desenvolvimento da noção do eu da adolescente. Assim, através da ACP, compreende-se que, fenomenologicamente, deve-se ver o indivíduo em sua singularidade e unicidade.

Palavras-chave: ACP; noção do *eu*; adolescência; feminino; interseccionalidade.

Abstract: This work proposes to analyze and reflect on the formation of the notion of the self, a theoretical concept of the Person-Centered Approach, which refers to the way in which the individual perceives himself, in hischaracteristics, attributes, quality and defects, capacities and limits, values and relationships that describe him and that he perceives as part of his identity, in the adolescence phase, especially in women, given the cultural load, as well as

local and specific aspects, also using the concept of intersectionality, which is related to the various segments that can influence a certain group. The objective of this work is to understand and investigate how the notion of the self is formed in adolescence, focused on the female public. It is understood that adolescence is a period of development that involves intense physical, cognitive and psychosocial changes, which vary according to the social, cultural and economic context in which it develops. This work is justified inthe search to elucidate how the adolescent's self-recognition is carried out and inspired, from the perspective of ACP. The methodology used was a bibliographic review based on the Person-Centered Approach proposed by CarlRogers, particularly the conceptualization of adolescence and the notion of femininity, intertwined with intersectionality. The results of this work indicate the importance of understanding the depth of the concepts about adolescence, so that they encompass the diversity of adolescences that have occurred. In addition, we observed that the notion of self is influenced in everyday life by culture, economy and social factors; in other words, intersectionality is transposed into the construction and development of the notion of self in adolescence. Thus, through ACP, it is understood that, phenomenologically, the individual must be seen in his or her singularity and uniqueness.

Keywords: ACP; notion of self; adolescence; female; intersectionality.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um processo marcado por diversas transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, sendo, portanto, um processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial (Assis, Avanci & Serpeloni, 2020). Conforme, Novello (2009), a adolescência é um período de transição marcada pelo rompimento com a infância e pelo início de uma nova fase caracterizada por diversas mudanças. Sendo assim, à medida em que é necessário reaver antigas concepções, surgem dúvidas e inseguranças, de, pela primeira vez, tomar uma decisão por si.

Entende-se que o ser humano é marcado por nascer com a abertura a *ser*, é definido pela ideia do *se tornar*, e é na relação com o outro e com a cultura que esse potencial a ser se atualiza. No caminho de se tornar humano, diversos aspectos culturais da sociedade são entrepassados, e são neles que as subjetividades são constituídas. Dentre eles, o gênero, um ponto estruturante na cultura ocidental (Zanello, 2022).

Deste modo, ao se considerar o ser humano através de pontos estruturantes, como o gênero, pode-se buscar definir conforme Judith Butler (2003), conceituando gênero como performativo, sendo produzido e imposto por práticas reguladoras, roteiros preestabelecidos e

mantidos por investigações. Concomitantemente, a representação da mulher, desde muito cedo, foi realizada a partir de papéis sociais, ligados a partir das diferenças dadas, *a priori*, entre homens e mulheres, nos quais as culturas moldariam comportamentos, crenças e hábitos.Pensar nos processos de subjetivação do se tornar "mulher" leva a refletir sobre as interseccionalidades e desafios para enfrentar esse processo, ou seja, diferentes fatores que se inter-relacionam e moldam-se mutuamente. Ao dizer que as mulheres se subjetivam através de uma relação consigo mesmas através dos olhares de terceiros, busca-se compreender que os ideais construídos ao longo do tempo são distantes e oferecem impactos sobre a autoestimada mulher. Na adolescência, essa vivência é ainda mais intensa, visto que a cultura incentiva que a beleza – dentro do seu padrão eleito – deve ser buscada.

Portanto, entendendo que a percepção de si sofre influências de fatores intrínsecos e extrínsecos, como, por exemplo, fatores físicos, psicológicos, sociais, o intuito é compreender como ocorre o reconhecimento de si pelas meninas adolescentes, a partir do referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), em específico através do conceito da noção do *eu*, relacionando a noção do *eu real* como o modo como o sujeito se mostra ao mundo e o *eu ideal*, ou seja, a forma como ele deseja ser, de acordo com Rogers (1997). Nessa oposição, pode-se gerar diferentes comportamentos que tendem a prejudicar a própria pessoa, que não consegue enxergar a realidade, apresentando distorções.

O propósito deste trabalho é discutir e analisar como é realizada a leitura da noção do *eu*, um conceito utilizado na síntese teórica de Carl Rogers, na fase da adolescência, em especial nas mulheres, visto toda a carga cultural, bem como aspectos locais e específicos (sociais e individuais), analisando as diversas secções que podem influenciá-la, usando do conceito de interseccionalidade. Desse modo, o presente trabalho se configura em uma pesquisa bibliográfica; com relação ao seu objetivo, adota-se uma metodologia exploratória e crítica, buscando proporcionar uma maior familiaridade com o tema, tornando-o mais explícito e identificando fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

O primeiro tópico tem o intuito de abordar a adolescência como um todo, entendendo suas diferentes concepções de acordo com diferentes autores, sendo considera por alguns como universal, enquanto para outros a não-universalidade.

O segundo tópico, "A interseccionalidade do feminino", pretende discutir sobre as somatórias que se entrecruzam e obtêm configurações específicas para os grupos, em especial a mulher, além de apresentar os conceitos de gênero e interseccionalidade.

O terceiro tópico pretende descrever brevemente a concepção da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), aprofundando sobre o conceito teórico da noção do *eu*.

O quarto tópico e último capítulo, “A adolescente, a interseccionalidade e os reflexos na noção do *eu*”, teve a pretensão de unir os tópicos anteriores, analisando sobre a relação da interseccionalidade na formação da noção do *eu* e seus possíveis reflexos na adolescente.

Por fim, as considerações finais, representam os termos discutidos, finalizando as reflexões sobre a temática exposta, considerando que a noção do *eu* na adolescente sofre influências de diversas secções que podem inferir sobre a concepção de si.

2 A ADOLESCÊNCIA

Compreendida como um conceito global, a adolescência consiste na “transição de desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, envolvendo intensas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, variando de acordo com o contexto social, cultural e econômico, no qual esse indivíduo se desenvolve” (Martorell, 2014, p. 276).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a adolescência o período da vida no qual surgem características sexuais secundárias, abrangendo a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. Em contraponto, no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), adolescente é aquele situado entre 12 a 18 anos de idade; desta forma, conforme Ariés (1981 *apud*, Simonelli, 2017), a adolescência não é universal, de modoque é construída culturalmente e sob a influência das mudanças sociais.

Diferentes autores realizaram uma concepção do que é a fase da adolescência, como colocado por Aguiar, Bock e Ozella (2007, p.164), ao revisitarem diferentes citações para debater a adolescência:

> Debesse (1946) afirma que a adolescência não é uma simples transição entre a infância e a idade adulta, mas ela possui uma mentalidade própria com um psiquismo característico dessa fase. Aberastury (1980) considera a adolescência como “um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (p.15), e vai além, afirmando que “a adolescência é o momento mais difícil da vida do homem…” (p.164)

Deste modo, enquanto alguns autores defendem que a adolescência é universal, outros, sendo pautados na Psicologia Sócio-Histórica, tratam a adolescência como uma fase criada historicamente pelo homem, a partir das relações sociais, enquanto um fato passa a fazer parte da cultura enquanto significado (Aguiar *et al*., 2007*)*.

Peres e Rosenburg (1998), em seu texto, explicitam que se tende a reduzir a compreensão da adolescência ao que se observa em determinados adolescentes; deste modo,

acaba-se generalizando o que foi observado em seres particulares, ao universo dos adolescentes como um todo.

Reconhecendo que há um corpo em desenvolvimento e que possui características próprias, essas características fisiológicas aparecem e recebem significados da sociedade, como assinalado por Ozella (2002, p.21) “As meninas que têm os seios se desenvolvendo se tornam sedutoras e sensuais.”. Desse modo, só é possível compreender um fato a partir de sua inserção na totalidade, na qual foi produzido, ou seja, a adolescência deve ser entendida como um todo (Bock, 2004).

Portanto, observando a adolescência e a juventude como categoria sociocultural, de origem histórica, Peres e Rosenburg (1998, p.57), ao citarem Cavalcanti (1988), salientam “a puberdade é um conceito biológico, enquanto adolescência é um conceito sociológico”. Os mesmos autores continuam a explorar o tema, citando Castellar (1989):

> A puberdade ganhou um conceito puramente biológico, enquanto a adolescência passa a significar conceito psicológico e social. Em realidade, não existe uma adolescência, mas sim, Adolescências, em função do político, do social, do culturale do momento em que estará inserido o adolescente (Peres e Rosenburg, 1998, p.58)

Ademais, Cavalcanti (1988 *apud*, Peres & Rosenburg, 1998, p.60-61), realiza suas considerações a respeito da conceituação da adolescência, do seguinte modo:

> A adolescência, como tudo o que é humano, só pode ser realmente compreendida se fizermos um estudo dos diversos elementos estruturais que entram na composição do ser e do viver do homem. Isso implica na apreciação do biológico, do sociológico e do psicológico que, de modo interdependente e integrado, constituem o cerne da natureza humana.

Logo, pode-se entender a adolescência como “uma fase construída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos, cujas características vão se constituindo no processo” (Bock, Gonçalves & Furtado, 2007, p. 173).

3 A INTERSECCIONALIDADE DO FEMININO

Segundo Zanello (2022), o ser humano nasce com a abertura a ser, isso significa que, quando ele nasce, não se sabe ao certo o que irá se tornar e, para que se torne humano, em suas inúmeras possibilidades, é preciso que seja introduzido em uma cultura por outro humano.

> Uma barata já nasce sabendo ser barata. Mesmo que se separe um indivíduo, logo após a eclosão da ooteca, seus instintos são suficientes para que seja barata e tenha chance de sobreviver no mundo. No caso do bebê humano, temos, em primeirolugar, uma prematuridade orgânica específica ao nascer, o que o torna profundamente dependente, por muitos meses, de alguém que cuide dele e de suas necessidades. Em segundo lugar, é necessário que seja introduzido na cultura por alguém que se faça dela portador. É esse processo que garante a humanização do bebê da espécie humana. Apesar de nascer com um potencial para tanto, é na relaçãocom a cultura e com outros humanos que esse potencial se atualiza (Zanello, 2022, p.16).

O gênero é um destes aspectos comuns e estruturantes à sociedade nas culturas, ou seja, o termo se tornou um modo de indicar construções culturais, uma criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Logo, para se buscar o significado de gênero, é necessário haver uma leitura individual, mas também de uma organização social, articulando a natureza de suas inter-relações, assim que são essenciais para obter essa compreensão (Zanello, 2022; Scott, 1995).

Para Scott (1995), gênero é definido em duas partes inter-relacionadas: primeiramente, como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos; e, em segundo lugar, como uma forma inicial de atribuir significado às relações de poder. Sendo assim, supor um ser universal “mulher” seria desconsiderar as pluralidades e contradições das diversas experiências de ser mulher, de forma que são construídas a partir de diferentes marcadores sociais e as múltiplas identidades e expressões (Formiga, Feldens & Arditti, 2023).

A categoria de gênero é processada de modo interseccional, na qual as diferenças passam a ser pauta e possibilitam a expansão do movimento feminista e dos estudos de gênero. Assim, a partir de Judith Butler, em 1990, os estudos feministas enfatizaram os problemas e as exclusões acontecidos pela naturalização do entendimento de gênero; algo quejá havia sido apontado por feministas negras séculos antes (Formiga, Feldens & Arditti,2023).

Por meio do feminismo negro é que a bandeira da interseccionalidade foi reivindicada, bem antes de ser cunhada e popularizada por diferentes intelectuais. O termo surge nos primeiros anos do século XXI, exatamente através das críticas levantadas pelas feministas negras, as quais possuíam experiências e reivindicações intelectuais não vistas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista (Formiga, Feldens & Arditti, 2023; Akotirene, 2019; Collins & Bilge, 2020).

Nogueira (2017), em seu livro *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*, aponta Leslie McCall como uma das principais pioneiras teóricas da interseccionalidade, essencial para a ciências sociais em geral. Assim, o conceito revela e coloca em pauta questõesespecificas das pessoas que estão sujeitas a múltiplas formas de subordinação dentro da sociedade.

A teoria da interseccionalidade auxilia o entendimento de que todas as faces das identidades são partes inter-relacionadas, usando de uma metáfora, Nogueira (2017, p.142) explica a interseccionalidade tal qual os ingredientes usados em uma receita: "O resultado final de uma receita contém todos os ingredientes, mas nenhum é reconhecível nas suas formas separadas. Os ingredientes ficam de tal forma fundidos que não podem ser separados outra vez". A partir dessa metáfora entende-se que assim como em um bolo são usados diferentes ingredientes, ou seja, um bolo de cenoura é diferente de um de chocolate; os sujeitos são formados por diferentes ingredientes, ou melhor, secções, e elas não podem ser isoladas, por exemplo, uma mulher negra, não vai ser alvo primeiro de machismo, depois de racismo, ela estará inserida nessa interseccionalidade, em uma visão diferente de uma mulher branca ou de um homem negro; assim como mencionado por Sueli Carneiro (2019), é importante, ao abordar questões relacionadas às mulheres, considerar à quais grupos demulheres nos referimos.

Portanto, por definição da interseccionalidade entende-se que, em determinada sociedade e período, as relações de poder que possam envolver questões como raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes, mas como categorias sobrepostas e unificadas. Apesar de muitas vezes serem despercebidas, têm o poder de afetar todos os aspectos do convívio social (Collins & Bilge, 2020).

Desse modo, a interseccionalidade constitui-se como um conjunto de categorias que interagem em múltiplos níveis, proporcionando modelos de análise para compreender fenômenos de opressão na sociedade, os quais operam de maneira inter-relacional (Nogueira, 2017).

4 NOÇÃO DO *EU* PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), criada por Carl Rogers, segundo Wood (1994), não é uma teoria, uma terapia, uma psicologia, uma tradição. Acima de tudo, não é um movimento, como, por exemplo, o movimento trabalhista. É meramente uma abordagem;

nada mais, nada menos. É um “jeito de ser”, assim como assinalado por Rogers em sua obra Um Jeito de Ser.

A abordagem humanista tem como base a não diretividade, ou seja, o cliente se torna o protagonista de seu processo de desenvolvimento e construção durante a psicoterapia (Barros *et al.*, 2018), assim, a ideia principal da psicoterapia rogeriana é a capacidade do indivíduo, como enunciado por Rogers e Kinget (1977, p. 39), em *Psicoterapia & Relações Humanas I*: “O ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento”.

Essa capacidade descrita são como potencialidades inerentes ao homem, é um modo de funcionamento característico e humano. Exercitá-la exige um contexto favorável para que se tenha a conservação e a valorização da noção que o sujeito faz de si, como o oferecido no processo terapêutico (Rogers & Kinget, 1977).

A Abordagem Centrada na Pessoa, como facilitadora do processo do outro, temrecursos que possibilitam a autocompreensão, o autoconhecimento e a modificação do autoconceito e comportamento (Silva, Moreira & Ioannidis, 2022). Essa possibilidade de o indivíduo se desenvolver constantemente, de expandir, amadurecer, de se expressar e ativar todas as capacidades do organismo, ao ponto de que aprimore a pessoa, é nomeado como tendência à atualização, segundo Rogers (1997).

Assim como a tendência à atualização tem um papel importante na teoria e é entendida como um fator dinâmico, que fornece energia, a noção do *eu* é um fator regulador do comportamento e representa a direção, é uma estrutura perceptual, ou seja, um grupo de percepções mutáveis relativas ao próprio sujeito, como características, qualidades e defeitos, capacidades e limitações, valores e relações que o sujeito atribui como descritivos de si e como parte de sua identidade (Rogers & Kinget, 1977).

Entende-se que, ao haver uma congruência entre as características que o indivíduo acredita possuir e aquelas que de fato possui, há, na noção do *eu*, um caráter realista. Essas correspondências podem ser verificadas através de critérios, sendo um de uma natureza mais ou menos particular, ou seja, na experiência vivida; e o outro critério de uma natureza mais ou menos pública, sendo baseada na declaração fornecida pela conduta do indivíduo e pela de outros sujeitos em relação a ele (Rogers & Kinget, 1977).

A noção do *eu real* é como o sujeito se apresenta ao mundo, é a configuração a qual está em um fluxo contínuo, mudando constantemente, ainda que sempre organizada e coerente. Em contraste, o *eu ideal* se refere ao conjunto das características que o sujeito

gostaria de ter como descritivas de si (Barros *et al.*, 2018; Rogers & Kinget, 1977). Evans (1979) transcreve o diálogo com Rogers. Ao perguntar sobre como seria a relação das expressões *eu ideal* versus *eu real*, Rogers diz que o desenvolvimento de uma classificação, realizada por William Stephenson, auxiliou a obter uma imagem objetiva do *eu*. Contudo, através dessa classificação, percebeu-se que o sujeito não valoriza todos os aspectos de si mesmo, de modo que, ao pedir que as pessoas classificassem as afirmações presentes nas cartas desse procedimento, a fim de formar uma imagem do *eu* que elas gostariam de ser, foi possível constatar a diferença atribuída à imagem do *eu* idealizado comparada à do *eu* comumente percebido.

Portanto, entende-se a noção do *eu* como o modo como indivíduo se percebe e daquilo que percebe como parte de sua identidade. Para que o sujeito se sinta, de facto, satisfeito subjetivamente e seu comportamento seja coerente e eficaz com o modo de ser, é essencial que a noção do *eu* seja realista, baseada na experiência autêntica do indivíduo, ou seja, naquilo que ele de fato vivencia. (Rogers & Kinget, 1977, p. 44).

5 A ADOLESCENTE, A INTERSECCIONALIDADE E OS REFLEXOS NA NOÇÃO DO *EU*

Ao se discutir que a adolescência perpassa e é influenciada por diversos fatores, pode-se concomitantemente falar de interseccionalidade, cujo termo, de acordo com Collins e Bilge (2020, p. 16-17), é descrito como:

> Ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça,classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Desse modo, articula-se que é necessário o uso de diversas “secções” para realizar a compreensão de como ocorre o reconhecimento de si nas adolescentes, visto que a adolescência em si – biologicamente, é um processo de mudanças intensas que transcorrem diversas outras categorias de entendimento.

Em paralelo, conforme Holanda (1998), compreende-se que a psicologia humanista emergiu como uma tentativa de desenvolver uma visão abrangente do ser humano, deixando de lado as limitações e reducionismos impostos por perspectivas anteriores que restringiam sua compreensão a certos aspectos e elementos, sendo assim:

> A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), entende que os indivíduos possuem dentro de si diversos recursos para autocompreensão e para alterar seus autoconceitos, atitudes e comportamentos, caso haja três condições que estabeleçam um clima facilitador de crescimento, a compreensão empática, a congruência e aceitação incondicional (Rogers, 1983, p. 38).

Na teoria do desenvolvimento da personalidade e da dinâmica do comportamento na ACP, o desenvolvimento do "eu", acontece através da interação entre o organismo e o meio. A experiência, até então simbolizada na consciência, cresce e se organiza de forma gradual para então formar a noção do *eu*. À medida que a noção do *eu* se expande e exterioriza, desenvolve-se a necessidade de consideração positiva, ou seja, a necessidade de respeito e apreço por si mesmo ou pelo outro. Sendo assim, "a consideração positiva envolve sentimentos e atitudes de calor, acolhida, simpatia, respeito e aceitação consigo ou para com ooutro" (Rogers & Kinget, 1977, p. 175).

Visto a disposição do homem em sua constante tendência atualizante, isto é, de sua essência universal voltada ao crescimento e à realização pessoal, para seu "funcionamento" em maior eficácia para o sujeito, a sua noção do eu tem de ser o mais realista possível, ou seja, as características que a pessoa acredita possuir têm de estar em congruência com as características que de fato possui. Em seu oposto, o estado de incongruência do sujeito gera sofrimento. A pessoa se encontra em um estado de desacordo entre sua percepção e a experiência vivenciada; portanto, vendo-se limitada a performar determinados papéis, vistos como aceitos por terceiros, os chamados "pessoas-critérios" (Frecchiani & Gomes, 2021).

Retoma-se a adolescência como um período caracterizado pelo desenvolvimento do sujeito e de seus potenciais, período o qual são construídos sua identidade, valores morais, autonomia e ideologias (Campos, 2006). Para Barros *et al.* (2018), a identidade e a noção do *eu* do adolescente se desenvolvem através da interação com os grupos aos quais pertencem, em um sistema dinâmico, em que os ambientes internos e externos se interpassam.

Sobretudo, compreendendo, assim como Beauvoir sugere em *O segundo sexo* "não se nasce mulher, se torna", deste modo, pode-se interpretar o conceito de gênero sendo revisto com bases fenomenológicas, colocando-o não como estável, mas como uma construção variante conforme tempo e cultura.

Em síntese, Rogers (1975) elucida a fase da adolescência sendo diretamente influenciada pelos valores ditados por terceiros e internalizados por meio das relações, marcando esse período em angústias e instabilidades, no que se refere ao contexto dasmudanças percebidas no autoconceito e na noção de si, ou seja, pode-se presumir a noção do

eu em desenvolvimento na adolescência, em especial, nas mulheres, de modo que, a noção do *eu* da mulher, além de sofrer interferências com a pessoa-critério, é mediada por uma estrutura social opressora e que impacta nas escolhas identitárias. Portanto, infere-se que o social atravessa e constitui a subjetividade, isto é, a noção do *eu* se constitui frequentemente a partir das experiências relativas ao *eu*, perpassado em suas interseccionalidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as informações e discussões explicitadas até o momento, é relevante, assim como citado por Peres e Rosenburg (1988), entender a reconstrução dos conceitos acerca da adolescência, de modo que, em maioria, tal conceituação é dada de forma mecânica e restrita, desconsiderando a diversidade de adolescências encontradas. De maneira que, assim como pontuado por Calligaris (2009), da mesma forma que não se sabe o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe o que é preciso para que um adolescente se torne adulto, ou seja, não há um ponto específico que dite o que é a adolescência, sendo deste modo, importante compreender a adolescência em suas subjetividades, que se relacionam com o mundo social e externo, transcorrendo por marcas na formação do sujeito, nas suas crenças e nos seus valores compartilhados na dimensão cultural (Idelfonso *et al.*, 2020).

Ademais, pensando a discussão de gênero, Butler (2003), aborda a discussão de que gênero não é uma identidade fixa, mas sim, como algo que se constitui de forma fluida e dinâmica ao longo do tempo, devendo ser compreendida dentro do cotidiano. Nesse sentido, Idelfonso *et al.* (2020) situa o gênero como uma frequente elaboração no tempo e na sociedade, uma vez que o entendimento de homem e mulher varia de acordo com a temporalidade e a cultura da sociedade na qual os sujeitos são inseridos. Também ressaltado por Fernandes (1984, p.8):

> É importante que fique bem claro que falar da mulher, seus pensamentos, seus afetos, seus sentimentos a respeito dos outros e de si próprio, só faz sentido se for considerado o momento histórico no qual estes processos acontecem. O ser humano não é a-histórico e cultural e seu discurso sempre se insere em um contexto historicamente demarcado

A interseccionalidade fala tanto à juventude por meio das mídias sociais e da cultura popular quanto ao corpo acadêmico através de conferências e publicações especializadas (Collins & Bilge, 2020).

Wolf (2024), em seu livro *O mito da beleza*, discorre a respeito da influência e abrangência quanto à “beleza”, esta sendo demarcada e transformada através da mídia e a da indústria, em um produto vendido e inalcançável (Frecchiani & Gomes, 2021).

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é baseada principalmente na confiança no sujeito, de que cada um possui, dentro de si, a essência voltada para diversos recursos em direção ao crescimento e à atualização; além disso, é notada a relevância do ambiente adequado para se “ativar” essas potencialidades, onde este represente um facilitador dodesenvolvimento interno e externo do sujeito, em sua busca pela congruência meio às inferências de secções, e não um contaminador da autoimagem (Barros *et al.*, 2018).

Constantemente, a noção do *eu* é tomada a partir de pessoas-critérios, influenciada no cotidiano através da cultura, da economia, do social; daquilo que se é esperado para determinado gênero e público, sendo, assim, frequentemente apreendida pela incongruência entre o que se é e/ou o que se pode tornar, por aquilo que se acredita ser.

> […] indústrias poderosas - a das dietas, que gera US$ 33 bilhões por ano; a dos cosméticos, US$ 20 bilhões; a da cirurgia plástica estética, US$ 300 milhões; e a da pornografia, com seus US$ 7 bilhões – cresceram a partir do capital composto por ansiedades inconscientes e conseguem por sua vez, através de sua influência sobre a cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral económica ascendente (Wolf, 2024, p. 35)

Portanto, acreditar no potencial do sujeito de uma adolescente significa se encontrar com as diferenças nos modos de subjetivação social que acontecem através das diversas secções, como gênero, raça, sexualidade, nacionalidade, faixa etária; considerando, respeitando e apreciando os sujeitos no seu modo de ser (Frecchiani & Gomes, 2021).

A interseccionalidade transpõe na construção e no desenvolvimento da noção do *eu* da adolescente, assim que as adolescências, em suas pluralidades, são atravessadas por mudanças biológicas, sociais, políticas e culturais. Ademais, descrevendo a adolescência da mulher, do feminino, pode-se realizar a leitura que desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe média vêm sendo influenciadas por ideias, estereótipos e por restrições de ordem material” (Wolf, 2024, p. 33).

Conforme pontuado por diversos autores pautados na psicologia sócio-histórica, dentre outros escritores e acadêmicos explicitados ao longo deste trabalho, a fase da adolescência e o significado de gênero carregam uma visão de fluidez e adaptação a cada indivíduo, ou seja, são conceitos subjetivos formados conforme cultura, sociedade, tempo.

Contudo, através da ACP, compreende-se que, fenomenologicamente, deve-se ver o indivíduo em sua singularidade e unicidade.

Em suma, este trabalho teve o intuito de compreender, através da perspectiva da ACP, a fase da adolescência, com enfoque na mulher, e como se dá a construção de sua identidade, em outras palavras, da noção do *eu*. É notória a escassez de publicações relacionadas ao panorama da adolescência e a ACP, em especial, usando de conceitos como interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade:** Feminismos Plurais. São Paulo: Suelo Carneiro e Pólen, 2019.

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. *In:* BOCK, A. M. B.; GONÇALVEZ, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica:** uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-178.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; SERPELONI, F. O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 25, n. 12, p. 4831-4842, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020. Acesso em: 10 jun. 2024.

BARROS, M. L. R. *et al.* A formação do "eu" na Abordagem Centrada na Pessoa. **2018: TCC - Psicologia.** Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), Mato Grosso, 2018. Disponível em: https://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/430. Acesso em: 27 maio 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003. Acesso em: 27 maio 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CAMPOS, R. F. Ética contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. **Epistemo-somática**, v. 3, n. 2, p. 242-260, 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1980-20052006000200009&script=sci_abstract. Acesso em: 4 jun. 2024.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019

COLLINS, P.H.; BILGE, S. O que é interseccionalidade? *In:* COLLINS, P. H; BILGE, S. (Orgs.). **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

EVANS, R. I. **Carl Rogers:** o homem e suas ideias. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FERNANDES, G. S. **Mulher, identidade e auto-estima:** elementos teóricos para uma reflexão crítica. 1984, 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Instituto de Seleção e Orientação Profissional, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: https://hdl.handle.net/10438/9711. Acesso em: 21 maio 2024.

FORMIGA, G. C. B.; FELDENS, D. G.; ARDITTI, R. G. Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, n. e280086, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280086. Acesso em: 10 jun. 2024.

FRECCHIANI, R. T. R. V.; GOMES, I. D. Tornar-se mulher: articulações entre o feminismo e a noção do eu. *In:* LOPES, J. C.; MULLER, F. (Orgs.). **Transversalidades na abordagem centrada na pessoa:** diálogos, possibilidades e contribuições. São Paulo: Pimenta Cultura, 2021. p. 144-172

HOLANDA, A. F. **Diálogos e psicoterapia: Correlações entre Carl Rogers e Martin Buber**. São Paulo: Lemos Editorial, 1998

IDELFONSO, F. A. C. *et al.* Conflito na adolescência e a construção da subjetividade. **Revista Encontros Científicos UniVS**, v. 2, n. 1, p. 107-121, 2020. Disponível em: https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/85. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARTORELL, G. Desenvolvimento físico e saúde na adolescência. *In:* BUENO, D.; PIZZATO, R.; KOLLER, S. H. (Orgs.) **O Desenvolvimento da Criança:** Do Nascimento à Adolescência. Porto Alegre: AMGH, 2014. p. 275-289.

NOGUEIRA, C. **Interseccionalidade e psicologia feminista.** Salvador: Devires, 2017.

NOVELLO, F. P. **Psicologia da Adolescência**. São Paulo: Paulinas, 2009.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. *In:* CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2002. p. 14-23.

PERES, F.; ROSENBURG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde e sociedade**, v. 7, n. 1, p. 53-86, 1998. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12901998000100004. Acesso em: 25 jul. 2024.

ROGERS, C. R. **Terapia Centrada no Paciente**. São Paulo: Martins Fontes, 1975

ROGERS, C.R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, C. R. **Um Jeito de Ser**. São Paulo: E.P.U., 1983.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia & Relações Humanas I**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SILVA, R. M.; MOREIRA, J. O.; IOANNIDIS, T. Abordagem Centrada no Adolescente. *In:* XX ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL. Cascavel. **Anais** [...]. Cascavel: Centro Universitário FAG. Disponível em: https://www4.fag.edu.br/anais-2022/Anais-2022-33.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

SIMONE, B. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1970

SIMONELLI, C. E. **A vivência da ambiguidade:** um estudo fenomenológico da adolescência. 2018, 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16014/ccv_ppgpsico_me_Carlos_ES.pdf?sequence=1. Acesso em: 2 ago. 2024.

WOLF, N. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.

WOOD, J. K. Prólogo. In: WOOD, J. K. *et al.* (Org.) **Abordagem centrada na pessoa** Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994. p. I-XIV.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor:** sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.